

Contas Económicas da Silvicultura

2009

Em 2009 o Valor Acrescentado Bruto da Silvicultura diminuiu 1,8% em volume e 8,4% em valor

No ano de 2009, de acordo com as Contas Económicas da Silvicultura, o Valor Acrescentado Bruto (VAB) desta actividade registou decréscimos de 1,8% em volume e 8,4% em valor, relativamente a 2008.

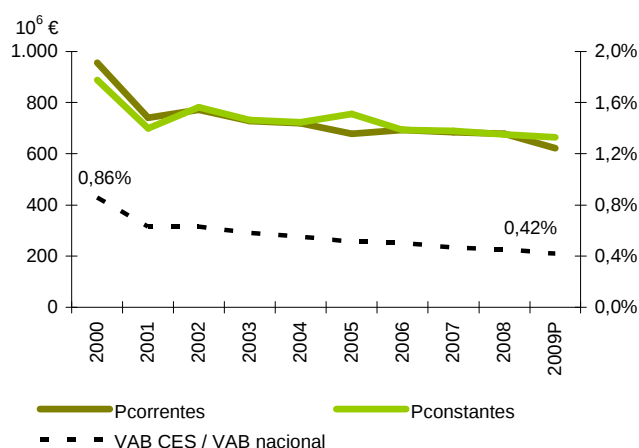
No **Ano Internacional das Florestas** o INE disponibiliza as Contas Económicas da Silvicultura (CES) para o período 1986–2009, bem como uma breve análise da evolução verificada da actividade silvícola em Portugal, nos últimos 10 anos, com particular incidência em 2009. Além da sua incontornável importância ambiental, a floresta gera valor através da fileira de actividades económicas a ela associadas (silvicultura, exploração florestal e indústria transformadora de madeira e cortiça). Apesar dos valores excepcionalmente elevados de VAB em 2000, a primeira década do século caracterizou-se por uma perda de dinamismo da actividade silvícola nacional. O ano de 2009 distinguiu-se, em termos nacionais e internacionais, por uma contracção da actividade económica em geral, com repercussões na fileira florestal e, consequentemente, na silvicultura.

A ACTIVIDADE SILVÍCOLA E DE EXPLORAÇÃO FLORESTAL – 2000 a 2009 (Base 2006)

O **Valor Acrescentado Bruto (VAB)** da silvicultura apresentou, em 2009, decréscimos de 1,8% em volume e de 8,4% em valor, em relação a 2008.

Tomando 2001 como referência (dado que em 2000 o crescimento do VAB foi excepcionalmente elevado), esta variável apresentou uma tendência decrescente em volume e valor, diminuindo, em termos médios anuais, 0,6% e 2,2%, respectivamente.

Gráfico 1. VAB da Silvicultura



A **Produção** da Silvicultura compreende os produtos resultantes da silvicultura e exploração florestal (abate de árvores, remoção de madeira e descortiçamento) e o “crescimento líquido das florestas” (saldo entre o acréscimo de madeira ou cortiça nas árvores e a diminuição dos povoamentos por corte, doença ou incêndios). Na última década, a produção revelou um comportamento semelhante ao do VAB, com taxas de crescimento médio anual, entre 2001 e 2009, de -0,2% em volume e de -0,8% em valor. Em 2009, a produção decresceu 2,2% em volume e 6,3% em valor. Para esta evolução contribuíram principalmente os decréscimos nominais registados na produção de Madeira (8,2%) e na produção de Cortiça (12,1%).

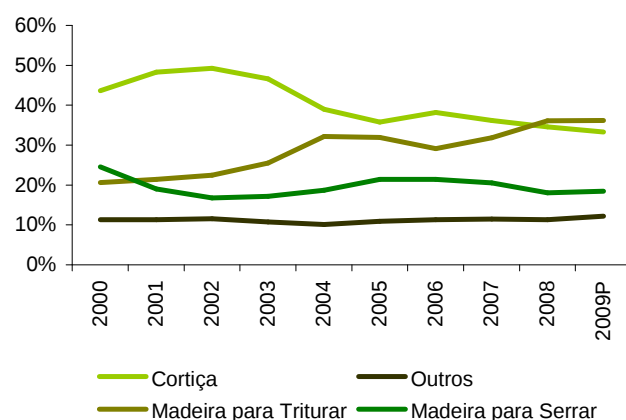
Gráfico 2. Produção da Silvicultura



A Madeira e a Cortiça constituíram, no decénio em análise, os produtos com maior relevância na estrutura da produção silvícola portuguesa. Nos últimos anos do período observado, destacou-se a diminuição da importância relativa da Cortiça nos Contas Económicas da Silvicultura – 2009

últimos anos. Efectivamente, entre 2001 e 2003, a Cortiça revelou-se o produto florestal de maior relevância. A produção de Madeira assumiu maior peso relativo na estrutura produtiva da silvicultura a partir desse período, evolução explicável pelo grande incremento da Madeira para Triturar (matéria-prima da indústria de pasta de papel), já que a Madeira para Serrar também perdeu peso relativo. O ano de 2009 reforçou a tendência do último quinquénio, com um aumento de importância relativa da Madeira para Triturar, em detrimento da cortiça.

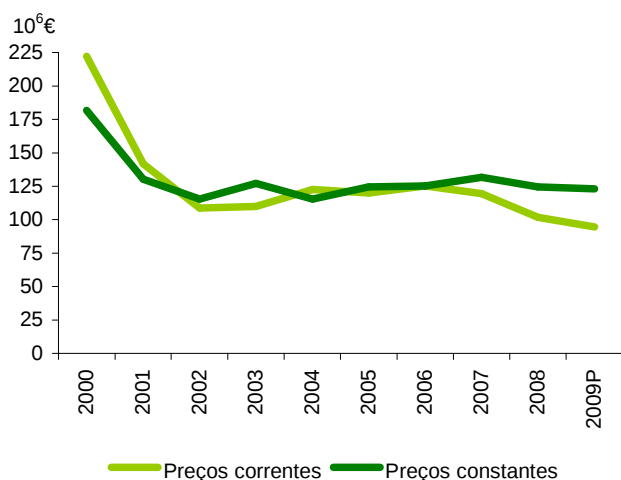
Gráfico 3. Produção de Madeira e Cortiça
(evolução da estrutura da Produção a preços correntes)



A **Madeira para Serrar** é constituída maioritariamente por Madeira de Resinosas (fundamentalmente pinheiro bravo). Estas estão direccionadas, sobretudo, para a indústria de mobiliário e, secundariamente, para a produção de papel. Na década em análise, a produção de Madeira para Serrar observou um ponto máximo

em 2000, decrescendo abruptamente nos dois anos subsequentes (em volume e valor). Até ao final do período manteve-se alguma irregularidade, destacando-se os anos de 2008 e 2009 pelas diminuições pronunciadas de preços (-10,0% e -6,0%, respectivamente). Para esta evolução concorreu, naturalmente, o abrandamento e contracção da actividade económica observados nesses anos, mas também a desvalorização da madeira de pinho em virtude dos problemas com o nemátodo e as restrições à exportação.

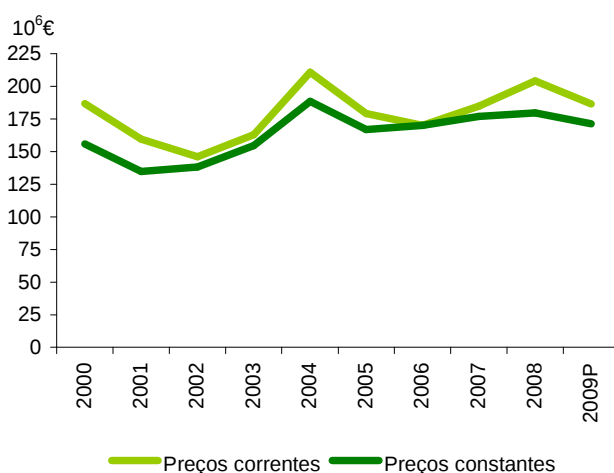
Gráfico 4. Produção de Madeira para Serrar



A **Madeira para Triturar** (composta principalmente por madeira de folhosas, em que se destaca o eucalipto), destina-se essencialmente à indústria da pasta de papel, pelo que a sua evolução reflecte, de certa forma, o dinamismo dessas actividades.

A produção de Madeira para Triturar apresentou, entre 2002 e 2008, uma tendência crescente, destacando-se um pico de produção em 2004, na sequência da vaga de incêndios em 2003, que incrementou a oferta de madeira nacional. Este crescimento da produção foi interrompido em 2009, apresentando decréscimos de volume e valor de 4,8% e 8,8%, respectivamente. Nesse ano, a indústria de pasta de papel recorreu a madeira em *stock*, pelo que diminuiu a aquisição a fornecedores no mercado nacional, tendo os preços na produção observado uma descida (-4,1%), em virtude da menor procura.

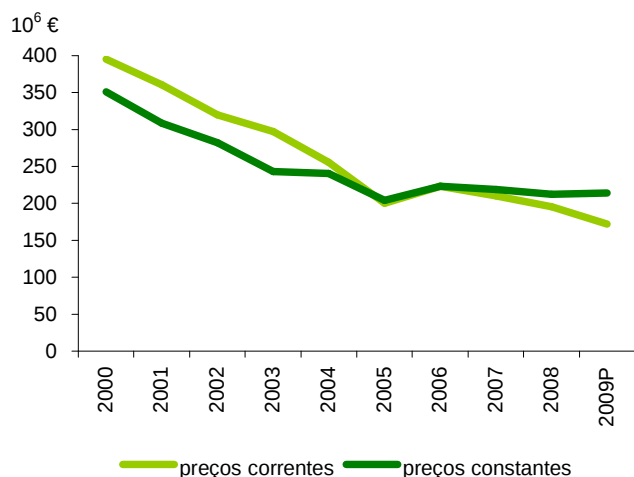
Gráfico 5. Produção de Madeira para Triturar



Diferentemente do ocorrido com a Madeira para Triturar, a **Cortiça** observou, desde 2000 (ano de produção excepcional, na sequência de preços muito elevados), uma tendência decrescente, resultado da degradação de alguns montados e dos reduzidos preços à produção. Efectivamente,

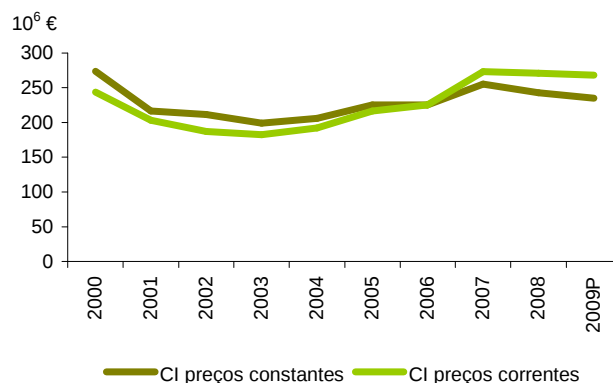
nos últimos anos, a extracção de cortiça tem vindo a fazer-se, de um modo geral, abaixo das capacidades dos montados, reflectindo, em parte, a evolução negativa dos preços à produção. Em 2009, a redução do preço rondou os 13,0%, o que provocou uma acumulação excepcional de cortiça na árvore, dados os baixos níveis de extracção. Assim, apesar da quantidade de cortiça disponível, a cortiça extraída observou apenas um aumento ligeiro de 1,0%, em volume.

Gráfico 6. Cortiça



No **Consumo Intermédio** (CI) destacou-se o distanciamento entre a série a preços constantes e correntes no final da década, ilustrando o decréscimo em volume observado após 2007, em oposição ao aumento em valor. Em 2009, o volume decresceu 3,3% e a variação nominal foi de -1,1%.

Gráfico 7. Consumo Intermédio
(preços correntes)



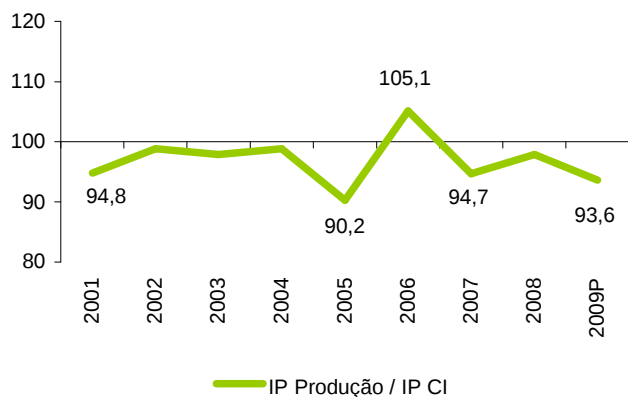
O rácio CI/Produção verificou uma tendência de crescimento, particularmente no segundo quinquénio, tendo aumentado 9,8 p.p. entre o início e o final da década (atingindo 30,1% em 2009), o que traduz uma situação desfavorável para a actividade.

O aumento deste rácio poderá estar a reflectir a alteração da composição da produção, dando mais relevo a um tipo de produção mais intensiva (Madeira para Triturar) em prejuízo da Cortiça e, em maior grau, o diferente comportamento dos preços dos principais consumos intermédios em relação aos preços na produção (ver gráfico 8).

Efectivamente, com excepção do ano de 2006, a relação entre a evolução dos preços na produção e no CI tem-se manifestado prejudicial aos produtores silvícolas, apresentando os preços na produção crescimentos inferiores aos registados nas despesas correntes da actividade

(nomeadamente da energia). No decénio em análise, 2009 constituiu o segundo pior ano.

Gráfico 8. Tesoura de preços
(IP Produção / IP Consumo Intermédio)

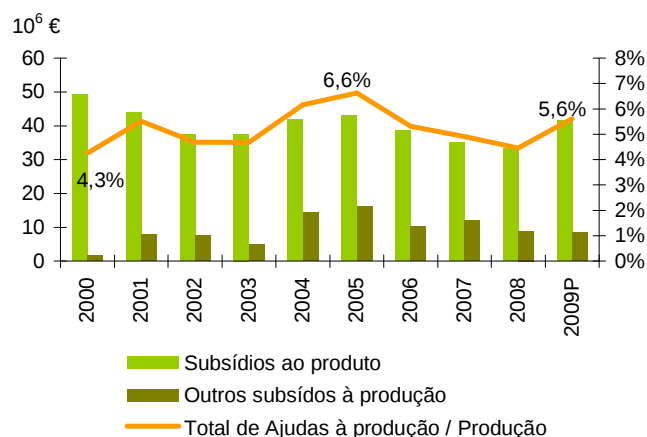


Os apoios à produção silvícola subdividem-se em “Subsídios aos produtos” e “Outros subsídios à produção”. As ajudas à florestação e reflorestação são classificadas como Subsídios aos produtos, pelo que, de acordo com a metodologia das CES (e Contas Nacionais) são contabilizadas no valor da produção, uma vez que esta é valorizada a preços de base. Os “Outros subsídios à produção” têm como objectivo apoiar a formação profissional, a perda de rendimento e a beneficiação de superfícies florestais, não se encontrando directamente relacionados com o volume de produção. Possuem menor expressão que os Subsídios aos produtos.

Entre 2000 e 2009, o Total de ajudas pagas à produção, bem como a Taxa de apoio à Produção (rácio Total de ajudas pagas à produção / Produção) observaram o seu ponto máximo no Contas Económicas da Silvicultura – 2009

ano de 2005, apresentando um decréscimo desde então, apenas interrompido em 2009. Para esta evolução contribuíram particularmente os “Subsídios aos produtos”. A “Taxa de Apoio à Produção” aumentou 1 p.p. em 2009 (para 5,6%), oscilando entre 4,3% em 2000 e 6,6% em 2005.

Gráfico 9. Ajudas pagas e Taxa de apoio à produção



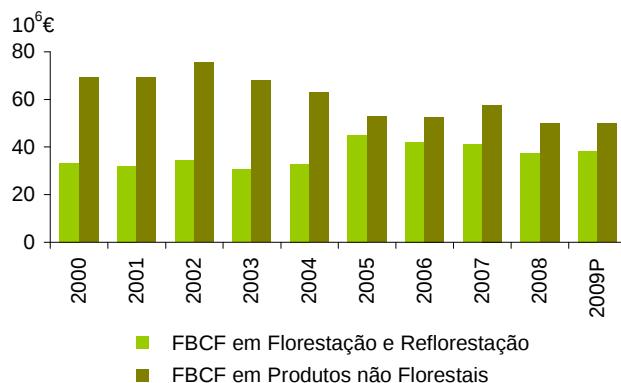
O **Rendimento Empresarial Líquido (REL)** [= VAB – “outros custos da actividade” (Consumo de capital fixo, Remunerações a pagar, Outros impostos à produção e Juros a pagar) + “Outros subsídios à produção e Juros a Receber”], à semelhança da Produção e do VAB, tem vindo a decrescer desde 2000, tendo apresentado, em 2009, uma diminuição de 13,1%.

Gráfico 10. Rendimento Empresarial Líquido



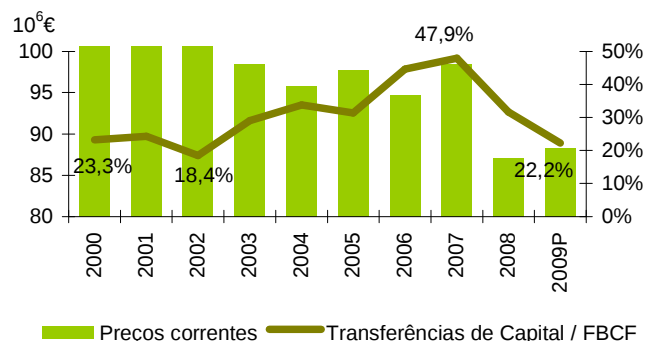
Apesar de alguma irregularidade pontual, a **Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF)** total observou, na série em análise, uma tendência decrescente, interrompida em 2009 (aumentando 1,3% em valor e diminuindo 0,6% em volume). Desdobrando a FBCF nas suas componentes, observa-se que a evolução negativa teve lugar nos Produtos Não Florestais (bens de equipamento, construção, etc.). A FBCF em Florestação e Reflorestação (eucalipto, sobreiro e pinheiro manso) apresentou uma tendência tenuemente crescente, em valor, observando o seu ponto máximo em 2005 (+36,5% comparativamente a 2004), na sequência dos grandes incêndios de 2003 e 2004. Em 2009 aumentou 3,1% em valor, tendo decrescido 0,3% em volume.

Gráfico 11. FBCF (preços correntes)



As Transferências de Capital destinam-se a apoiar as medidas de investimento na actividade silvícola e de exploração florestal. Após um crescimento contínuo até 2007, têm vindo a decrescer desde então, apontando-se para uma diminuição de 29% em 2009. As Transferências de Capital representaram 22,2% da FBCF desse ano, constituindo a segunda menor taxa de apoio ao investimento observada na década.

Gráfico 12. FBCF e Transferências de Capital (preços correntes)



O presente destaque foi elaborado com informação disponível até 28/07/2011.

Notas Explicativas

Referência metodológica

As CES têm por referência técnica obrigatória o “Manual das Contas Económicas da Agricultura e Silvicultura 97 (Rev. 1.1)”, edição de 2000, Eurostat. Sendo uma Conta Satélite, a metodologia utilizada tem como suporte o Sistema Europeu de Contas 1995 (SEC 95) e, por via deste, o Sistema de Contas Nacionais das Nações Unidas (SCN 93). Recentemente, as CES foram integradas, ao nível do EUROSTAT, num quadro global de informação económica e ambiental da floresta, designado por Contas Integradas Ambientais e Económicas da Silvicultura.

Cálculo do Crescimento das Florestas

A série de CES tem subjacente a metodologia de cálculo do Crescimento das Florestas (o qual contribui para a estimativa da Produção e do VAB da Silvicultura) desenvolvida pela ex-Direcção Geral dos Recursos Florestais que teve como referência o Inventário Florestal Nacional 1995–98. A actualização dos resultados desta metodologia através da incorporação dos dados do Inventário Florestal Nacional 2005 (IFN 2005) pode determinar a revisão desta série.

Revisões da CES de 2008

As revisões da CES de 2008 reflectem a actualização da informação de base utilizada e, sobretudo, a incorporação dos resultados das Contas Nacionais Definitivas do INE referentes a 2008, entretanto publicadas. O quadro seguinte indica as principais revisões efectuadas.

Contas Económicas da Silvicultura

versão de Julho 2011 e versão de Julho 2010

Unidade: 10⁶ €

	2008 (preços correntes)		2008 (preços ano anterior)	
	Julho 2010	Julho 2011	Julho 2010	Julho 2011
Produção da Silvicultura	954,18	948,82	922,16	931,50
Consumo Intermédio	285,41	270,91	271,21	260,28
Valor Acrescentado Bruto	668,77	677,91	650,95	671,22
Rendimento Empresarial Líquido	442,16	454,18	//	//